

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO DA PRESIDENCIA DA REPUBLICA
FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA - IBGE
DIRETORIA DE PESQUISAS

INDICADORES CONJUNTURAIS DA INDUSTRIA
PRODUÇÃO FÍSICA - REGIONAL

REGIÃO NORDESTE

PERNAMBUCO

BAHIA

MINAS GERAIS

| 1988 : ABRIL |

RIO DE JANEIRO

SÃO PAULO

REGIÃO SUL

| 10/06/88 |

ÍNDICE

	PAGINA
NOTAS METODOLOGICAS	1
COMENTARIOS	2
INDICES POR GENERO DE INDUSTRIA	
REGIÃO NORDESTE	10
PERNAMBUCO.....	11
BAHIA	12
MINAS GERAIS	13
RIO DE JANEIRO	14
SÃO PAULO	15
REGIÃO SUL	16
INDICADORES REGIONAIS DE PRODUÇÃO FÍSICA	
NOTAS METODOLOGICAS	

1 - Os índices regionais utilizam dados primários da Pesquisa Industrial Mensal (PIM). Os painéis de produtos e informantes são específicos para cada região, com exceção de Pernambuco e Bahia.

2 - Para a Indústria Geral e tomado-se como referência o Valor da Transformação Industrial de 1980, os produtos selecionados alcançam os seguintes níveis de cobertura: Região Nordeste, 190 produtos (58%); Pernambuco, 102 produtos (56%); Bahia, 91 produtos (52%); Minas Gerais, 158 produtos (59%); Rio de Janeiro, 261 produtos (51%); São Paulo, 493 produtos (54%) e Região Sul, 264 produtos (52%).

3 - Os procedimentos metodológicos dos índices regionais são idênticos aos adotados no índice - Brasil. A base de ponderação é fixa e tem como referência a estrutura do Valor da Transformação Industrial do Censo Industrial de 1980.

A fórmula de cálculo adotada é uma adaptação de Laspeyres base fixa em cadeia, com atualização de pesos.

4 - São divulgados quatro tipos de índices:

- ÍNDICE BASE FIXA MENSAL (NÚMERO-ÍNDICE): compara a produção do mês de referência do índice com a média mensal produzida no ano base da pesquisa (1981);
- ÍNDICE MENSAL: compara a produção do mês de referência do índice em relação a igual mês do ano anterior;
- ÍNDICE ACUMULADO: compara a produção acumulada no ano, de janeiro até o mês de referência do índice, em relação a igual período do ano anterior;
- ÍNDICE ACUMULADO 12 MESES: compara a produção acumulada nos últimos 12 meses de referência do índice em relação a igual período imediatamente anterior.

OUTROS ÍNDICES (por exemplo, MES/MES ANTERIOR) podem ser obtidos pelo usuário a partir dos 'índices base fixa mensal'.

5 - Os índices apresentados neste documento são preliminares, estando sujeitos a retificação nos dados primários por parte dos informantes da pesquisa.

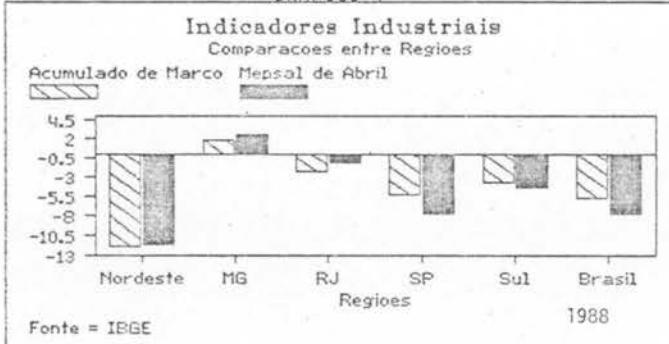
6 - A sistemática adotada para retificação de índices, é divulgar, junto com os resultados de cada mês de dezembro do ano (N), o "índice base fixa mensal" do ano (N-1), que passará então a ser definitivo.

7 - Informações mais detalhadas sobre os procedimentos metodológicos podem ser obtidas no Departamento de Indústria (DEIND) - Rua Visconde de Niterói, 1.246 BL/B - Sala 705 telefones: 254-9914 e 284-8840.

COMENTÁRIOS

Apurados os números para abril, os indicadores regionais da produção industrial apontam para um quadro onde predominam desempenhos negativos. E mais, no principal pólo industrial do país - São Paulo - observa-se que neste mês o recuo na atividade industrial superou a marca do primeiro trimestre do ano. No gráfico 1 encontram-se, por região, as taxas do primeiro trimestre e a de abril deste ano, relativamente a iguais períodos de 1987. Verifica-se, então, que com exceção de Minas Gerais (único com taxas positivas) e Rio de Janeiro, nos outros locais a tendência decrescente ou se mantém (Nordeste) ou se acentua (São Paulo e Sul), determinando assim o movimento de aprofundamento da queda a nível nacional.

GRÁFICO 1



NORDESTE

O Nordeste accusa o pior desempenho regional com quedas na faixa de 12% - tanto no mensal como no acumulado de abril. Além do decréscimo nos produtos derivados da cana-de-açúcar, já comentado em notas anteriores, o quadro de retração atinge um número de indústrias cada vez maior: em abril somente 2 dos 14 segmentos pesquisados- extrativa mineral e minerais não metálicos - atingiram taxas positivas. Ressalta-se ainda que essas duas indústrias têm seu desempenho positivo explicado pelo comportamento de Estados menos significativos na região, já que os resultados para Pernambuco e Bahia encontram-se, nestes dois gêneros, abaixo

da média observada no total do Nordeste. A fraca performance dos primeiros quatro meses de 1988 fica evidenciada na evolução do indicador dos últimos 12 meses; entre janeiro e abril a taxa anualizada cai 6,8 pontos percentuais ao passar de 2,7% para -4,1%.

PERNAMBUCO

O parque industrial do estado de Pernambuco destaca-se, novamente, dentre as regiões analisadas este mês, por indicar as maiores taxas negativas em todas as comparações: - 26,0% no mensal, -21,4% no acumulado -13,1% mês/mês anterior e -7,9% no acumulado 12 meses. Observa-se também que desde 1982 a série histórica desses indicadores, com exceção da base fixa, não assinalava variações nesses níveis, o que vem realçar a dimensão da atual contração da atividade industrial, devido à má performance do consumo interno e em especial da agroindústria local.

No indicador mensal de abril (-26,0%) todos os onze setores apresentam taxas negativas, sendo que apenas quatro não registraram quedas superiores a 20%: minerais não metálicos (-2,9%), produtos de matérias plásticas (-5,3%), fumo (-13,6%) e têxtil (-17,8%). A redução do nível de produção vem-se acentuando nestes últimos três meses, atingindo em média -24,1% contra -14,5% em janeiro, destacando-se na média do período fevereiro-abril, os seguintes gêneros: material elétrico e de comunicações (-31,3%), produtos alimentares (-31,2%), metalúrgica (-30,8%) e química (-29,8%).

O desempenho negativo no acumulado do 1º quadrimestre do ano (-21,4%) é sustentado pela fraca performance dos produtos de origem agrícola: álcool anidro e hidratado (-58,5%), açúcar demerara (-59,5%) e fios crus de algodão (-13,9%) e também de produtos voltados para o mercado interno: fio-máquina de aço (-50,8%) e pilhas secas (-43,4%). Os resultados negativos estão determinados pelo "efeito-base" do excelente desempenho da agricultura pernambucana, em especial cana-de-açúcar, nos primeiros quatro meses de 1987 e pelo desaquecimento do mercado interno a partir do segundo semestre de 1987, respectivamente.

TABELA 1
PERNAMBUCO
DESEMPENHO NA INDÚSTRIA SEGUNDO GRUPOS DE PRODUTOS
INDICADOR ACUMULADO JANEIRO-ABRIL 1988
(BASE: IGUAL PERÍODO DO ANO ANTERIOR=100)

GRUPOS DE PRODUTOS	TAXA DE CRESCIMENTO (%)	IMPACTO NA TAXA GLO-BAL	PARTICIPAÇÃO NA ESTRUTURA DE PONDERAÇÃO (%)
Setor Álcool Açucareiro	-41,4	-10,6	26
Demais Setores	-14,5	-10,8	74
Indústria Geral	-21,4	-21,4	100

FONTE: IBGE

TABELA 2
PERNAMBUCO
DESEMPENHO NA INDÚSTRIA SEGUNDO GRUPOS DE PRODUTOS
INDICADOR ÚLTIMOS 12 MESES ATÉ ABRIL 1988
(BASE: IGUAL PERÍODO ANTERIOR=100)

GRUPOS DE PRODUTOS	TAXA DE CRESCIMENTO (%)	IMPACTO NA TAXA GLO-BAL	PARTICIPAÇÃO NA ESTRUTURA DE PONDERAÇÃO (%)
Setor Álcool-Açucareiro	1,0	0,2	26
Demais Setores	-10,2	-8,1	74
Indústria Geral	-7,9	-7,9	100

FONTE: IBGE

Como pode-se observar na tabelal o complexo álcool-açucareiro (álcool anidro e hidratado, açúcar cristal, demerara, e refinado, melão e aguardente) com uma queda de -41,4% é responsável por metade da contração do indicador acumulado (-21,4%) o que se deve ao prolongamento da excelente safra de 1986/87 que durou até o final do 1º semestre. Ao mesmo tempo o complexo ainda apresenta taxa positiva (1,0%) na comparação acumulada nos últimos 12 meses (tabela 2) por, estarem incluídos no numerador os últimos meses dessa safra. Os setores responsáveis pelo resultado negativo deste último indicador (-7,9%) são os não vinculados ao processamento da cana-de-açúcar, com um decréscimo de -10,2%.

O indicador anualizado, provavelmente continuará mantendo neste semestre a intensidade de seu movimento descendente registrado nos últimos quatro meses - com queda de cerca de quatro pontos percentuais ao mês. Devido principalmente a uma base de comparação elevada do complexo cana-de-açúcar e também por que se espera, na melhor das hipóteses, a manutenção do nível da produção dos demais setores que são predominantemente vinculados ao mercado interno.

BAHIA

Com uma queda de apenas -0,3% na comparação com igual mês do ano anterior, a indústria baiana passa a apresentar em abril o seu resultado mais favorável desde setembro de 1987. Avaliando-se separadamente os componentes do parque industrial do Estado, constata-se que cinco gêneros pesquisados vêm demonstrando uma melhora do nível de produção nos últimos três meses, a saber: minerais não metálicos (-21,5%), metalúrgica (43,6%), material elétrico e de comunicações (4,8%), produtos alimentares (-5,4%) e bebidas (4,0%); esta melhora pode ser percebida comparando-se as taxas mensais citadas com as taxas acumuladas no trimestre jan-mar para os gêneros supracitados: -32,1%, -14,7%, -1,8%, -16,4% e -2,6% respectivamente. Além disto, deve-se levar em conta que o crescimento extraordinário da metalúrgica tem a ver com a base de comparação, posto que em abril de 1987 ocorreram greves e paralisações da produção por problemas técnicos neste setor.

Em relação aos demais segmentos, cabe destacar a performance de química e extrativa mineral. Para o primeiro, o resultado negativo de -1,4% no indicador mensal se explica pela menor produção de óleos lubrificantes e de aeronave para aviação, dado o acúmulo de estoques até março, associado a menor demanda pelos produtos. Extrativa mineral, por outro lado, revela um crescimento de 0,5% que, junto com a expansão de fevereiro e março representam a exceção de agosto/87, as primeiras taxas positivas desde setembro de 1985, "puxadas" pelo crescimento da extração de petróleo em bruto e de minério de manganês.

O progresso na evolução do indicador mensal entretanto, ainda não é suficiente para elevar o nível da produção industrial em relação aos primeiros quatro meses do ano passado, dado que assinala uma contração de -3,2%. Verifica-se pelo indicador acumulado que apenas dois segmentos industriais obtiveram taxas positivas no quadriestre: borracha (13,5%) e química (0,2%), ambos com sinais de desaceleração no ritmo da produção.

Cabe ressaltar, todavia, que o peso preponderante do gênero química na indústria da Bahia acaba por contrabalançar possíveis melhorias nos demais segmentos. Como exercício de simulação, bastaria que este gênero crescesse a mesma taxa de março para que a indústria geral passasse a apresentar expansão de 1,1% no mês em questão.

Fica claro, portanto, que a indústria química, notadamente aquela associada aos derivados de petróleo, possui grande influência sobre o resultado da indústria como um todo, como pode ser visualizado na tabela a seguir, que procura explorar a participação relativa do segmento relacionado à extração e processamento de petróleo e os demais no cômputo da indústria geral, com base no indicador acumulado no ano.

TABELA 3
BAHIA
DESEMPENHO NA INDÚSTRIA SEGUNDO GRUPOS DE PRODUTOS
INDICADOR ACUMULADO JANEIRO-ABRIL 1988
(BASE: IGUAL PERÍODO DO ANO ANTERIOR=100)

GRUPOS DE PRODUTOS	TAXA DE CRES-CIMENTO (%)	IMPACTO NA TAXA GLOBAL	PARTICIPAÇÃO NA ESTRUTURA DE PONDERAÇÃO (%)
Petróleo e Petroquímica	1,0	0,7	70
Demais Setores.....	-12,3	-3,9	30
Indústria Geral	- 3,2	-3,2	100

FONTE: IBGE

Conclui-se, pelos dados, que efetivamente o que está amortecendo a queda da indústria baiana no primeiro quadri-

mestre do ano, em relação a igual período do ano passado, é a performance do ramo petróleo e petroquímica, pois para uma redução de -12,3% nos demais setores, a indústria geral sofre uma queda de apenas -3,2%, graças ao crescimento de 1% do setor ligado ao petróleo. Isto permite que o Estado atinja no período o terceiro melhor resultado a nível de Brasil, ficando atrás somente de Minas Gerais e Rio de Janeiro.

MINAS GERAIS

Sem grandes alterações em relação à média de crescimento no primeiro trimestre, o desempenho global da indústria nos primeiros quatro meses atingiu um crescimento de 1,9%, quando comparado a igual período do ano anterior. Este resultado, apesar de caracterizar certa estabilidade da produção mineira, é bem significativo, considerando-se que supera a taxa média de expansão da indústria nacional.

O principal motivo a justificar esta melhor performance foi sem dúvida a contribuição daqueles segmentos com maior abertura para o mercado externo, como são os casos da indústria metalúrgica e do setor extractivo mineral, principalmente.

A indústria metalúrgica mineira, cujo crescimento acumulado assinalou taxa de 10,8%, demonstra através da sua evolução ao longo desses quatro meses, níveis de produção bem mais elevados do que o resultado médio obtido em 1987, quando o indicador acumulado janeiro-dezembro registrou acréscimo de apenas 0,8%.

Este desempenho tem-se consolidado em função das vendas externas, na esteira da expansão das importações japonesas e americanas, com destaque para ferro gusa (17,0%), lingotes de aço comum (33,1%), placas de aço comum (45,4%) e ferro-niôbio em formas primárias (131,6%).

O setor extractivo mineral, com expansão de 10,3% até abril, também tem se beneficiado do aumento da demanda externa, em especial os produtos minério de ferro (9,9%) e minério de colônbia ou niôbio (84,7%). Produtos alimentares revela uma expansão de 8,1%, inferior às atingidas nos de-

mais meses do ano em curso. Merecem atenção especial o desempenho de carne de bovino, congelada (109,9%) em função da liberalização das vendas ao mercado exterior, e o de leite em pó evaporado (45,3%), que vêm tendo um crescimento tão intenso que possivelmente já estejam alterando a configuração sazonal do gênero, tradicionalmente de queda neste período.

Encerrando o quadrimestre com crescimento nulo, acha-se a indústria automobilística, cuja principal alternativa para enfrentar a má performance das vendas internas tem sido o aumento da produção para exportação. Esta saída tem tido impacto diferenciado, proporcionando, por exemplo, um resultado expressivo na produção de camionetas e utilitários (74,0%), porém não suficiente para evitar o decréscimo em automóveis para passageiros (-11,1%).

Estes quatro gêneros, em conjunto, foram os responsáveis pelo relativo crescimento da indústria geral. Isso se confirma pela análise da tabela abaixo, onde se encontra o impacto total das exportações sobre o crescimento da indústria geral, como também seu peso e variação.*

TABELA- 4
MINAS GERAIS
DESEMPENHO INDUSTRIAL SEGUNDO GRUPOS DE PRODUTOS
INDICADOR ACUMULADO JANEIRO-ABRIL 1988
(BASE: IGUAL PERÍODO DO ANO ANTERIOR=100)

GRUPOS DE PRODUTOS	TAXA DE CRESCIMENTO (%)	IMPACTO NA TAXA GLOBAL	PARTICIPAÇÃO NA ESTRUTURA DE PONDERAÇÃO (%)
MERCADO EXTERNO	+21,0	4,6	22
MERCADO INTERNO	-3,4	-2,7	78
TOTAL DA INDÚSTRIA	1,9	1,9	100

FONTE: IBGE

O crescimento do grupo de produtos mais voltados para o mercado externo atingiu 21,0% no período janeiro-abril,

(*) Foram classificados como de mercado externo os produtos que destinam proporção significativa da sua produção total para as exportações, o que não necessariamente significa mais de 50%.

com impacto de 4,6 pontos percentuais no resultado total da indústria. Os segmentos cujo destino da produção é mais dirigido ao mercado interno, que representa quase 80% da produção total da indústria, assinalaram uma queda de -3,4%. Esta performance, no entanto, não foi suficiente para anular o impacto positivo das exportações, o que levou o conjunto da indústria a alcançar uma expansão no quadrimestre (1,9%).

Numa avaliação mais geral, o que se nota até abril, ainda no que diz respeito ao indicador acumulado, é que houve uma melhora nos resultados de quase todos os gêneros que apresentavam performance negativa, enquanto no mês de janeiro oito gêneros industriais apontavam decréscimos na produção, até abril esse número cai a cinco. Essas mudanças se deram nos segmentos de material elétrico e de comunicações, que passa de -15,7% para um crescimento de 5,8%, material de transporte de -31,0% para 0,0% e papel e papelão de -1,0% para 0,7%.

O comportamento verificado para a indústria mineira até abril de 1988 tem certa semelhança com a performance obtida em 1984, ano que marcou o início da retomada do crescimento industrial, num quadro de incentivo às exportações, expressivos saldos na balança comercial, e de defasagem salariais, fatores também presentes na atual conjuntura.

RIO DE JANEIRO

O Rio de Janeiro registrou em abril último um declínio na produção industrial de -1,3% relativamente a igual mês do ano passado, acumulando no primeiro quadrimestre do ano queda de -2,1% e em 12 meses uma taxa negativa de -3,9%.

O resultado do indicador mensal em abril embora bem abaixo do de março (5,6%) - cuja taxa incorpora um certo viés provocado pelo "efeito-calendário" - se estabelece em nível superior à média mensal do primeiro trimestre do ano que atingiu -2,4% (vide tabela 5). Contribuiu basicamente para isto a boa performance dos gêneros de material

elétrico e de comunicações (45,1%), material de transporte (29,0%) e metalúrgica (14,6%) e, ainda, o comportamento positivo de minerais não metálicos (1,1%) e da extrativa mineral (1,3%), sendo que este último setor retraiu o ritmo de expansão em abril, provavelmente já como consequência do acidente no final desse mês no principal poço da bacia de Campos.

TABELA 5
RIO DE JANEIRO - PRODUÇÃO INDUSTRIAL
TAXAS TRIMESTRAIS (BASE: IGUAL PERÍODO DO ANO ANTERIOR =100)
1987-1988

CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA	TRIMESTRES			
	1987	1988		
	3º	4º	1º	Abril
EXTRATIVA MINERAL	- 1,9	3,3	5,1	1,3
MINERAIS NÃO METÁLICOS	- 4,8	-18,9	-11,7	1,1
METALÚRGICA	- 0,9	0,2	3,4	14,6
MAT.ELETR.E DE COMUNICAÇÕES	22,3	28,4	38,3	45,1
MATERIAL DE TRANSPORTE	-29,4	- 7,9	26,3	29,0
PAPEL E PAPELÃO	-11,6	+20,3	-19,8	-20,1
QUÍMICA	- 8,2	- 8,9	2,1	- 3,4
FARMACÉUTICA	- 0,6	4,7	- 7,9	-12,3
PERFUMARIA, SABÕES E VELAS	-13,6	14,7	- 7,1	- 6,2
MATERIAS PLÁSTICAS	-33,7	-19,3	-28,4	-16,2
TEXTIL	- 5,8	-13,1	-25,7	-31,8
VESTUÁRIO, CALÇ.E ÁRT.TECIDOS	-17,8	-17,9	-15,7	-18,8
PROD.ALIMENTARES	- 5,0	-12,1	-11,7	-17,9
bebidas	-13,3	-12,3	- 2,2	- 0,6
FUMO	-12,1	-19,3	- 5,8	-24,4
INDÚSTRIA GERAL	- 7,4	- 5,6	- 2,4	- 1,2

FONTE: IBGE

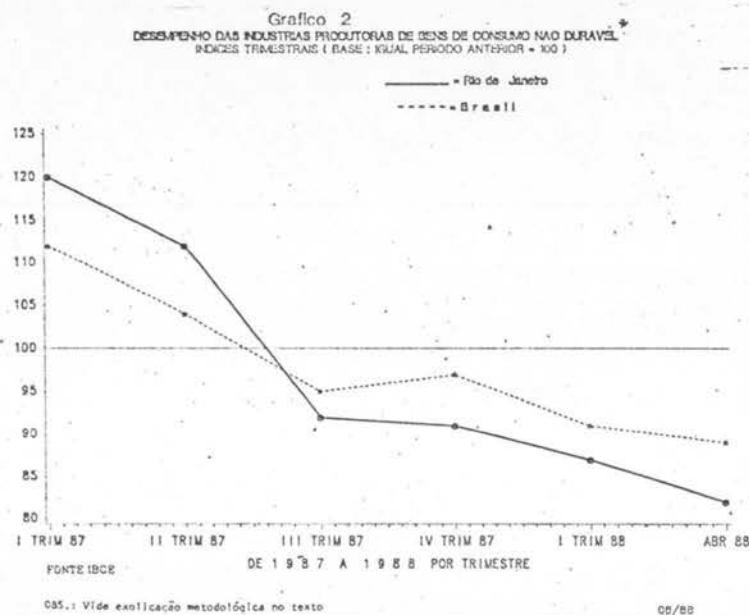
Com desempenho oposto ao dos cinco gêneros destacados acima, ao revelarem declínio de produção em abril, encontram-se os segmentos essencialmente produtores de Bens de Consumo e aqueles a estes estreitamente vinculados como fornecedores de insumos (química, matérias plásticas e papel e papelão), com a maioria registrando

ainda este mês expressiva perda de ritmo em relação ao desempenho médio nos três primeiros meses do ano, como mostra a tabela 5. Além disso, com exceção apenas da química, todos apresentaram recuo na produção acumulada do primeiro quadrimestre. Nesta situação encontra-se também o gênero de minerais não metálicos que, entretanto, vem registrando significativa recuperação nas suas taxas nos últimos dois meses, o que sugere um possível reaquecimento da construção civil no Estado. Os principais destaques negativos no resultado acumulado do período janeiro-abril são têxtil (-27,2%), matérias plásticas (-25,5%), papel e papelão (-19,9%), vestuário (-16,5%) e produtos alimentares (-13,1%).

Objetivando dar destaque a performance do segmento produtor de Bens de Consumo não Durável, que no Estado tem expressivo peso, foram calculados índices (apresentados no gráfico 2) para o Rio e Brasil englobando os gêneros representativos da categoria:

Constata-se nos resultados que o desempenho da produção desse conjunto de bens na região vem situando-se bem abaixo da média nacional, a partir do terceiro trimestre de 1987. Além disso, observa-se que a magnitude da retração da categoria nos cinco últimos trimestres é muito mais ampla no Estado, ao passar de um crescimento de 20,0% no primeiro trimestre do ano passado para um decréscimo de -12,2% no primeiro trimestre de 1988, enquanto que as taxas a nível de Brasil saltam de 12,6% para -10,3% no mesmo período. E mais, acentua-se em abril o ritmo de queda do grupo na região, o que não ocorre para o Brasil, sendo provável que isto esteja relacionado a possíveis reflexos da suspensão da URP para o setor público, dada a grande importância que este tem no Rio de Janeiro. A propósito, as vendas no comércio lojista do Grande Rio caíram -39,8% em abril, relativamente a igual mês de 1987, e -26,7% nos primeiros quatro meses do ano, resultados que ficam bem abaixo, por exemplo, dos da região metropolitana de São Paulo; -3,9% e -9,0% em abril e no quadrimestre, respectivamente.

(*) Farmacéutica, Perfumaria, Sabões e Velas, Têxtil, Vestuário, Prod. Alimentares, Bebidas e Fumo.



Do exposto nos parágrafos anteriores, conclui-se que o desempenho da indústria fluminense nesses primeiros meses de 1988 conjuga dois movimentos antagônicos. Por um lado, conta com o favorecimento de aumentos localizados nos investimentos em alguns setores, no que vem refletindo positivamente na performance de material elétrico e de comunicações (40,1% no quadrimestre), material de transporte 27,0% (que no Estado produzem basicamente bens de capital), secundariamente, na metalúrgica (6,0%). Por outro lado, sofre os efeitos da retração do mercado interno, cuja repercução no seu setor produtivo se verifica de forma mais ampla que, por exemplo, no dos outros principais centros industriais do país, em razão principalmente do menor grau de abertura externa desta indústria.

SÃO PAULO

O mês de abril caracteriza-se, no que tange à indústria paulista, por uma retração da produção, revelada

por todos os seus indicadores - mês/mês anterior (-8,6%), mensal (-7,8%), acumulado (-6,0%) e acumulado de 12 meses (-4,5%).

A análise dos dados mensais referentes aos gêneros que compõem a indústria mostra um quadro de diminuição dos níveis de atividade produtiva; com exceção da mecânica (10,8%) e de borracha (8,9%), todos os demais gêneros apresentam queda do produto em relação ao mesmo mês de 1987. Adicionalmente, deve-se considerar que, em ambos os gêneros, são fatores circunstanciais que determinaram o crescimento. No caso da mecânica, ele se deveu ao aumento da produção de um único item sem o qual o gênero como um todo apresentaria retração significativa.

O crescimento do gênero borracha se deve à recomposição dos estoques de pneumáticos de automóveis e caminhões, que haviam se reduzido nos meses anteriores, devido ao grande aumento da produção destes últimos bens já justificada nas notas de fevereiro e março. Por fim, deve ser ressaltada a redução do nível de atividades do gênero material de transporte, que até março vinha demonstrando, especialmente no que tange à produção de automóveis para passageiros, comportamento excepcional em relação aos demais gêneros. Esta retração, como amplamente divulgado pela ANFAVEA, reflete essencialmente a busca queda da demanda interna, que tem provocado um excedente de estoques junto às concessionárias.

Desta forma, o índice acumulado que mostrava um pequeno arrefecimento da retração em março (-5,4% contra -8,9% em fevereiro), volta a cair com mais intensidade em abril (-6,0%). Com os resultados atuais, somente três gêneros, mecânica (8,1%), material de transporte (6,0%) e borracha (0,5%), ainda apresentam taxas acumuladas positivas, estando o segundo, entretanto, com um aumento menor que o verificado no mês anterior (8,5%).

Um reagrupamento dos gêneros por categorias de uso, mesmo com limitações metodológicas, permite uma compreensão dos fatores ativos desta retração.

Como se percebe, são os grupos de bens intermedios e de bens de consumo que estão particularmente afeta-

TABELA 6
SÃO PAULO
DESEMPENHO INDUSTRIAL POR GRUPAMENTOS
INDICADOR ACUMULADO JANEIRO-ABRIL 1988
(BASE: IGUAL PÉRIODO DO ANO ANTERIOR=100)

GRUPAMENTOS	TAXA DE CRESCIMENTO (%)	IMPACTO NA TAXA GLOBAL	GENÉROS AGREGADOS
Bens de Capital	8,1	1,0	Mecânica
Bens Intermediários	-7,5	-3,7	Minerais não metálicos, Metalúrgica, Material Elétrico, Papel e Papelão, Borracha e Química
Bens de Consumo	-8,8	-3,3	
Duráveis	+6,0	0,7	Material de Transporte
Não Duráveis	-14,9	-4,0	Farmacêutica, Perfumaria, Plásticos, Têxtil, Vestuário, Prod.Alimentares, Bebidas e Fumo
Total da Indústria	-6,0	-6,0	

FONTE: IBGE

dos pela retração da demanda. O principal fator determinante deste comportamento foi o menor número de pedidos por parte do comércio, fruto da diminuição do poder aquisitivo do mercado interno e do nível dos investimentos. A retração do comércio, em especial, pode ser observada pelos dados publicados pela Fundação Centro do Comércio do Estado de São Paulo para a Grande São Paulo, que apontam uma queda acumulada do faturamento real de -9,0%, destacando-se a categoria de Bens de Consumo não Duráveis (-19,6%). A única taxa positiva apresentada pela fonte citada é a de Bens de Consumo Semi-Duráveis segundo a mesma se deve ao início do inverno, quando as lojas começam a vender produtos da nova estação.

O grupamento de bens intermediários, cujo comportamento está profundamente articulado com o das demais categorias, apresenta no quadrimestre uma retração de -7,5% na produção. Vale assinalar que a demanda para esta categoria reflete as expectativas dos empresários no que tange às suas

necessidades, a curto prazo, de matérias-primas, ou seja, ao seu nível planejado de produto.

O quadro acima descrito é corroborado pelo indicador de doze meses, que mostra a tendência da indústria paulista. Com uma queda de -4,5%, superior à apontada na mesma comparação nos últimos dois meses (março=-3,2%, fevereiro=-2,4%), somente quatro gêneros apontam taxas positivas: mecânica (5,4%), perfumaria (3,3%), química (1,6%) e borracha (0,1%). Deve-se destacar que, com exceção de borracha, todos os citados apresentam taxas inferiores a março, mostrando claramente a tendência contracionista da indústria paulista.

REGIÃO SUL

A indústria da região Sul assinala em abril que das em todos os indicadores: mês/mês anterior (-7,1%), mensal (-4,4%), acumulado (-4,0%) e acumulado 12 Meses (-3,0%). Estes resultados demonstram que o recente dinamismo verificado no setores associados à produção da agropecuária, não tem sido suficiente para compensar as contrações que se verificam na maioria dos demais segmentos da indústria.

O indicador acumulado apresenta este mês (-4,0%) decréscimo similar ao verificado em março (-3,8%). Os gêneros que mais influenciaram este resultado foram: mecânica (-14,8%), vestuário (-10,2%), metalúrgica (-9,3%) e produtos de matérias plásticas (-11,1%), todos com baixa vinculação ao desempenho da agricultura e da pecuária.

Os segmentos industriais mais ligados à agropecuária tiveram no conjunto um acréscimo de 4,4% no quadrimestre (vide tabela 7), em especial os que têm maior abertura para o mercado externo (11,7%). Destacam-se por seu impacto no resultado do setor os produtos café solúvel (48,0%), óleo de so

(*) Foram classificados como produtos vinculados a agropecuária, os que dela dependem quanto ao fornecimento de matéria prima (ex.: complexo de soja) ou como mercado consumidor exclusivo para o escoamento de sua produção (ex.: fertilizantes), exclusive bens de capital. Esta tipologia abrange, portanto, segmentos dos gêneros: produtos alimentares, fumo, bebidas e química.

ja refinado (53,6%), fertilizantes NPK (12,0%) e fumo em folha beneficiado (5,2%). Estas performances estão associadas tanto ao processamento industrial da elevada safra de 1987 (ex: óleo de soja), como às boas perspectivas quanto a colheita deste ano (ex.: fertilizantes). Este crescimento, no entanto, não foi na magnitude necessária para contrabalançar as quedas dos demais setores da indústria, em média de -7,0%, resultando, portanto, num desempenho líquido negativo para a indústria sulista.

TABELA 7
REGIÃO SUL
DESEMPENHO INDUSTRIAL SEGUNDO GRUPOS DE PRODUTOS
INDICADOR ACUMULADO JANEIRO-ABRIL 1988
(Base: igual período do ano anterior=100)

GRUPOS DE PRODUTOS	TAXA DE CRESCIMENTO (%)	IMPACTO NA TAXA GLOBAL	PARTICIPAÇÃO NA ESTRUTURA DE PONDERAÇÃO (%)
<u>AGROPECUÁRIA</u>	4,4	1,2	26
Mercado Externo	11,7	1,0	8
Mercado Interno	1,2	0,2	18
<u>Demais Produtos Industriais</u>	-7,0	- 5,2	74
<u>TOTAL DA INDÚSTRIA</u>	-4,0	- 4,0	100

FONTE: IBGE

Em abril, o indicador mensal volta a cair (-4,4%), depois de assinalar um crescimento em março (3,1%). Em relação a média de fevereiro-março, que anula o problema do "efeito-calendário" já comentado na nota de março, as maiores mudanças verificaram-se nos gêneros têxtil (-10,4%), mecânica (-17,6%) e fumo (-0,6%), que no bimestre anterior havia apresentado as variações de 0,0%, 7,4% e 8,2% respectivamente. Estes movimentos se devem em boa medida, à performance de bens de consumo ligados ao mercado interno, como cigarros e blusas de malha, assim como de máquinas agrícolas, principalmente de colhedeiras. O baixo patamar em que se encontra a massa salarial e o encarecimento dos bens de capital para a agricultura explicam grande parte dessas quedas.

O indicador acumulado 12 meses, confirmado o movimento descendente e verificado nos últimos meses, registra uma diminuição de -3,0%, a maior desde fevereiro de 1984. Apenas cinco gêneros estão com taxas positivas: fumo (4,0%), produtos alimentares (2,9%), química (1,6%), material elétrico (1,0%) e papel e papelão (0,1%), contra sete em fevereiro, todos com variações muito próximas às apresentadas em março.

PONDERAÇÃO CI-80

1988

CLASSE S E G E N E R O S	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES		
	FEV	MAR	ABR	FEV	MAR	ABR	JAN-FEV	JAN-MAR	JAN-ABR	ATE FEV	ATE MAR	ATE ABR
INDUSTRIA GERAL	109,18	109,99	99,80	84,59	87,18	88,19	88,53	88,10	88,12	100,28	97,75	95,91
EXTRATIVA MINERAL	139,21	147,39	144,86	105,39	102,59	102,82	102,10	102,27	102,40	102,12	102,10	101,97
IND.TRANSFORMAÇÃO	105,02	104,82	93,57	81,63	84,70	85,58	86,54	85,96	85,88	99,98	97,04	94,93
MIN.NÃO METALICOS	87,54	100,25	90,54	83,27	101,45	102,87	85,66	90,63	93,31	92,43	91,43	91,54
METALURGICA	116,12	136,57	124,95	74,02	88,46	94,90	74,83	79,25	82,64	88,83	86,46	85,79
MAT.ELETTRICO E COM	125,90	152,93	113,05	77,31	93,52	69,08	84,62	87,67	82,92	94,14	93,07	90,20
PAPEL E PAPELÃO	108,88	113,44	105,41	89,60	90,51	80,74	90,31	90,38	87,90	103,51	101,79	98,03
BORRACHA	130,56	131,83	118,76	112,98	104,35	94,14	102,70	103,28	100,91	100,50	99,59	98,36
QUIMICA	120,01	114,44	106,04	86,38	80,78	84,13	90,54	87,37	86,65	105,79	101,98	99,11
PERF.SABÕES,VELAS	132,64	142,61	94,63	121,46	110,60	74,82	120,54	116,86	105,66	114,67	109,92	103,67
PROD.MAT.PLASTICAS	103,08	113,38	104,17	80,15	91,76	92,60	79,08	83,18	85,32	88,33	86,75	84,67
TEXTIL	77,74	88,62	82,45	85,36	103,02	92,94	82,13	88,45	89,52	92,32	92,54	91,86
VEST,CALÇ,ART.TEC.	100,20	124,23	115,08	82,50	110,42	90,12	85,68	93,72	92,75	96,68	97,04	95,36
PROD.ALIMENTARES	97,93	72,74	59,04	72,00	61,11	72,28	85,17	78,07	77,09	106,96	100,13	96,83
BEBIDAS	116,30	104,91	85,63	86,55	89,63	87,93	93,83	92,56	91,63	92,06	89,80	89,15
FUMO	118,66	134,72	107,10	81,05	103,48	81,80	92,51	96,14	92,56	94,56	94,43	93,02

1988

PONDERAÇÃO CI-80

CLASSES E G E N E R O S	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES		
	FEV	MAR	ABR	FEV	MAR	ABR	JAN-FEV	JAN-MAR	JAN-ABR	ATE FEV	ATE MAR	ATE ABR
INDUSTRIA GERAL	109,70	105,65	91,84	75,95	77,79	73,97	80,90	79,93	78,61	100,36	96,16	92,07
IND.TRANSFORMAÇÃO	109,70	105,65	91,84	75,95	77,79	73,97	80,90	79,93	78,61	100,36	96,16	92,07
MIN.NÃO METALICOS	90,34	110,06	93,70	81,02	108,99	97,09	87,52	94,10	94,77	93,89	94,07	93,25
METALURGICA	101,63	118,72	120,74	61,36	71,19	75,15	64,74	66,84	68,83	85,36	80,91	77,04
MAT.ELETTRICO E COM	105,07	138,48	97,72	67,31	83,82	54,91	78,48	80,39	73,31	96,88	93,77	86,50
PAPEL E PAPELÃO	105,57	109,45	101,78	79,51	85,28	71,28	80,18	81,79	79,06	93,91	91,99	87,48
QUIMICA	182,52	158,86	136,56	75,60	67,94	67,01	80,25	76,35	74,33	110,45	102,97	96,37
PERF.SABÕES,VELAS	108,08	112,75	73,54	111,63	86,94	54,35	119,22	105,96	90,47	108,38	101,82	95,05
PROD.MAT.PLASTICAS	103,49	110,72	96,93	84,61	91,62	94,75	80,11	83,87	86,23	81,84	79,42	77,53
TEXTIL	79,08	91,87	80,66	81,03	105,67	82,16	77,99	86,16	85,16	92,25	92,66	90,32
PROD.ALIMENTARES	98,98	67,87	61,71	75,83	59,51	71,17	83,27	76,50	75,55	112,34	105,23	101,19
BEBIDAS	104,85	88,52	71,07	86,06	82,49	78,20	95,35	91,40	88,68	90,86	88,04	87,17
FUMO	124,67	144,70	116,43	82,27	110,96	86,38	97,94	102,25	98,20	98,48	99,18	98,10

IBGE

01/06/88 PAG 11

INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL POR CLASSES E GENEROS - BAHIA

1988

PONDERAÇÃO CI-80

CLASSE S E G E N E R O S	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES		
	FEV	MAR	ABR	FEV	MAR	ABR	JAN-FEV	JAN-MAR	JAN-ABR	ATE FEV	ATE MAR	ATE ABR
INDUSTRIA GERAL	114,89	123,80	113,15	95,27	98,24	99,69	94,89	96,00	96,85	97,70	96,90	96,90
EXTRATIVA MINERAL	107,91	116,43	111,24	104,89	101,52	100,53	98,57	99,59	99,83	98,81	99,03	99,09
IND.TRANSFORMAÇÃO	116,07	125,05	113,47	93,91	97,74	99,55	94,36	95,48	96,41	97,53	96,58	96,58
MIN.NÃO METALICOS	77,76	89,29	81,65	64,16	76,12	78,47	64,03	67,88	70,21	77,90	74,22	71,90
METALURGICA	94,49	130,82	106,57	73,04	99,94	143,55	78,00	85,35	94,64	78,61	78,42	83,71
MAT ELETRICO E COM	160,84	177,69	164,79	91,21	104,28	104,76	95,34	98,25	99,76	96,15	96,56	98,40
BORRACHA	177,39	163,89	151,75	134,23	108,85	101,23	123,65	118,07	113,48	104,63	104,43	103,84
QUIMICA	121,06	129,21	122,63	102,15	100,78	98,59	100,67	100,71	100,18	103,16	102,50	101,97
PERF.SABÕES,VELAS	157,64	164,98	106,94	112,07	111,23	79,23	98,01	102,39	97,02	105,35	102,32	96,27
PROD.ALIMENTARES	102,13	97,41	67,38	76,37	84,01	94,59	83,38	83,57	85,28	87,29	85,22	85,15
BEBIDAS	154,02	151,86	121,58	92,08	100,21	103,99	96,22	97,44	98,69	95,25	93,69	93,48

IBGE

01/06/88 PAG 12

PONDERAÇÃO CI-80

1988

CLASSES E G E N E R O S	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES		
	FEV	MAR	ABR	FEV	MAR	ABR	JAN-FEV	JAN-MAR	JAN-ABR	ATE FEV	ATE MAR	ATE ABR
INDUSTRIA GERAL	115,30	128,22	117,63	100,22	107,83	102,54	98,66	101,71	101,91	100,49	100,67	101,03
EXTRATIVA MINERAL	101,55	124,66	113,04	93,47	127,52	112,76	101,29	109,56	110,34	94,76	98,66	100,94
IND.TRANSFORMAÇÃO	116,45	128,51	118,02	100,75	106,50	101,80	98,47	101,15	101,31	100,93	100,82	101,04
MIN.NÃO METALICOS	93,29	111,13	101,16	89,63	109,69	98,56	88,69	95,35	96,13	96,14	96,35	95,88
METALURGICA	130,50	143,45	133,31	104,79	115,67	114,02	107,03	109,85	110,83	100,52	101,38	102,41
MAT.ELETTRICO E COM	114,38	157,34	173,34	97,27	111,55	129,56	90,24	97,81	105,81	93,00	93,70	94,82
MAT. TRANSPORTE	157,55	170,93	145,91	118,17	125,17	94,79	91,15	101,89	100,03	110,37	113,58	114,95
PAPEL E PAPELÃO	155,98	156,07	170,92	104,52	92,54	107,73	101,57	98,45	100,73	101,26	98,94	99,58
QUIMICA	122,50	131,80	107,59	95,21	86,81	82,14	90,77	89,39	87,71	99,28	96,26	94,93
PROD.MAT.PLASTICAS	126,93	117,60	122,49	64,19	64,12	66,93	76,63	72,08	70,71	91,64	86,50	83,11
TEXTIL	109,71	111,22	109,84	99,55	92,23	92,98	95,63	94,47	94,09	99,47	98,49	98,20
VEST,CALÇ,ART.TEC.	63,56	80,03	77,45	61,08	87,09	82,73	68,69	74,53	76,54	83,56	82,15	80,69
PROD.ALIMENTARES	77,90	84,64	77,01	111,05	105,70	105,90	110,61	108,86	108,13	109,78	109,53	110,78
BEBIDAS	142,00	139,09	125,96	98,85	99,10	97,24	102,68	101,53	100,55	102,35	100,32	99,46
FUMO	161,25	182,69	139,44	96,64	109,72	83,24	110,28	110,08	103,05	105,70	105,87	103,94

1988

PONDERAÇÃO CI-80

CLASSE S E GENEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES		
	FEV	MAR	ABR	FEV	MAR	ABR	JAN-FEV	JAN-MAR	JAN-ABR	ATE FEV	ATE MAR	ATE ABR
INDUSTRIA GERAL	104,81	119,16	110,10	92,05	105,57	98,75	93,70	97,62	97,90	97,12	96,73	96,07
EXTRATIVA MINERAL	542,76	575,02	529,09	109,91	105,42	101,30	104,90	105,08	104,15	100,23	101,05	101,59
IND.TRANSFORMAÇÃO	96,22	110,21	101,88	90,43	105,59	98,49	92,61	96,88	97,27	96,82	96,31	95,55
MIN.NÃO METALICOS	74,93	96,36	98,01	78,91	103,59	101,14	81,11	88,33	91,54	94,29	93,56	92,47
METALURGICA	127,50	145,55	139,54	100,84	102,81	114,55	103,72	103,40	106,00	100,51	99,96	101,17
MAT.ELETTRICO E COM	123,54	129,25	135,07	140,31	137,39	145,13	138,79	138,29	140,05	130,44	130,74	131,76
MAT. TRANSPORTE	43,47	58,20	48,21	104,99	207,64	128,98	98,87	126,32	126,99	79,38	87,20	91,24
PAPEL E PAPELÃO	76,00	94,03	81,61	76,36	89,03	79,87	75,53	80,16	80,09	89,39	87,60	86,03
QUIMICA	111,19	120,78	111,48	99,89	101,68	96,62	102,25	102,05	100,69	97,91	96,49	95,50
FARMACEUTICA	119,75	127,42	120,96	86,72	107,13	87,74	85,41	92,11	90,96	106,03	105,09	101,51
PERF.SABÕES,VELAS	151,87	162,63	147,38	88,53	101,29	93,78	88,73	92,89	93,11	109,10	105,02	100,86
PROD.MAT.PLASTICAS	114,96	148,97	137,69	62,50	84,48	83,80	65,15	71,58	74,47	81,96	78,53	76,20
TEXTIL	76,36	85,62	77,65	67,06	82,78	68,23	70,51	74,35	72,78	93,32	91,78	87,89
VEST,CALC,ART.TEC.	50,45	74,13	64,14	61,41	124,57	81,17	69,78	84,32	83,50	83,32	85,98	84,84
PROD.ALIMENTARES	95,68	98,65	80,80	84,20	93,94	82,08	85,69	88,34	86,89	96,90	94,89	92,71
BEBIDAS	113,37	124,11	113,85	89,57	100,15	99,37	96,64	97,77	98,14	92,30	90,59	90,19
FUMO	107,24	137,25	102,11	77,29	101,99	75,57	89,89	94,19	89,29	88,85	88,60	86,70

1988

PONDERAÇÃO CI-80

CLASSESE GENEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES		
	FEV	MAR	ABR	FEV	MAR	ABR	JAN-FEV	JAN-MAR	JAN-ABR	ATE FEV	ATE MAR	ATE ABR
INDUSTRIA GERAL	102,67	117,25	107,16	91,80	101,38	92,17	91,07	94,60	93,97	97,62	96,81	95,51
IND.TRANSFORMAÇÃO	102,67	117,25	107,16	91,80	101,38	92,17	91,07	94,60	93,97	97,62	96,81	95,51
MIN.NÃO METALICOS	102,12	112,91	107,53	89,58	95,90	96,51	90,30	92,18	93,23	100,41	98,44	97,36
METALURGICA	105,74	120,04	105,15	91,73	96,84	84,83	91,73	93,51	91,25	95,69	94,89	92,87
MECANICA	106,92	125,09	125,92	103,46	116,07	110,81	102,20	107,09	108,09	105,85	105,72	105,42
MAT.ELETTRICO E COM	96,35	113,06	99,02	79,84	98,17	82,55	80,60	86,57	85,52	92,32	91,63	89,54
MAT. TRANSPORTE	121,29	141,42	120,27	108,24	119,76	98,99	102,68	108,48	106,02	89,38	91,84	92,92
PAPEL E PAPELÃO	134,04	145,82	141,59	93,14	92,84	91,15	92,06	92,33	92,03	100,56	98,27	96,13
BORRACHA	136,19	145,84	143,22	97,15	105,92	108,98	93,74	97,84	100,54	100,49	99,82	100,07
QUIMICA	95,87	109,04	100,33	94,86	105,80	91,58	93,45	97,55	95,99	103,55	103,19	101,61
FARMACEUTICA	128,84	148,99	117,63	79,71	97,44	70,42	78,83	85,10	81,15	95,76	93,79	89,58
PERF.SABÕES,VELAS	152,97	185,56	178,17	97,95	98,50	93,77	99,15	98,91	97,53	113,97	108,88	103,34
PROD.MAT.PLASTICAS	115,99	122,33	111,20	79,75	81,34	82,00	76,99	78,48	79,31	88,99	85,32	82,66
TEXTIL	99,15	113,35	100,31	85,12	91,96	87,23	84,48	87,05	87,09	92,44	90,71	89,33
VEST,CALÇ,ART.TEC.	62,99	82,35	74,64	67,79	89,60	84,55	70,99	77,42	79,19	77,70	76,53	75,73
PROD.ALIMENTARES	70,85	75,43	68,54	82,46	85,14	87,03	84,66	84,82	85,32	104,65	101,16	99,37
BEBIDAS	110,99	115,32	106,32	93,19	97,98	95,28	97,08	97,38	96,88	98,75	96,91	96,15
FUMO	58,27	71,76	59,08	77,34	101,21	85,67	90,89	94,37	92,22	88,86	88,40	87,99

1988

PONDERAÇÃO CI-80

CLASSES E G E N E R O S	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES		
	FEV	MAR	ABR	FEV	MAR	ABR	JAN-FEV	JAN-MAR	JAN-ABR	ATE FEV	ATE MAR	ATE ABR
INDUSTRIA GERAL	110,02	129,83	120,66	95,89	103,08	95,59	92,43	96,20	96,04	98,86	97,94	97,04
EXTRATIVA MINERAL	103,73	107,16	102,34	138,56	112,88	119,39	108,05	109,69	111,97	93,66	96,09	99,58
IND. TRANSFORMAÇÃO	110,11	130,17	120,93	95,48	102,97	95,35	92,25	96,05	95,86	98,92	97,96	97,01
MIN.NÃO METALICOS	102,50	111,96	106,32	96,36	100,61	101,58	99,42	99,83	100,25	101,98	100,67	99,80
METALURGICA	128,52	143,93	133,85	91,82	95,38	92,49	87,14	90,05	90,66	96,28	94,32	93,18
MECANICA	153,82	161,73	138,62	92,77	92,36	82,36	82,87	86,18	85,22	98,25	96,05	93,55
MAT.ELETTRICO E COM	162,66	183,28	156,16	96,62	95,89	88,24	104,20	101,07	97,75	106,35	103,41	101,04
PAPEL E PAPELÃO	137,42	149,03	145,46	98,38	98,35	95,46	96,78	97,32	96,84	103,00	101,79	100,09
QUIMICA	63,04	86,47	98,22	95,56	117,84	106,12	90,32	100,07	101,94	100,81	101,57	101,63
PERF.SABÕES,VELAS	137,08	164,88	140,24	95,70	101,67	97,57	91,29	95,08	95,69	95,24	91,94	90,78
PROD.MAT.PLASTICAS	116,99	122,43	116,05	88,82	90,24	87,08	89,21	89,57	88,94	93,21	90,34	87,74
TEXTIL	123,49	137,38	118,76	98,15	101,83	89,57	97,20	98,81	96,45	100,79	99,91	98,47
VEST,CALÇ,ART.TEC.	87,89	105,77	92,43	84,23	96,62	92,60	84,92	88,92	89,80	90,32	89,25	89,33
PROD.ALIMENTARES	100,69	120,31	108,27	103,84	117,52	103,40	97,11	103,78	103,69	102,09	102,56	102,90
BEBIDAS	98,19	142,13	148,22	90,34	107,15	97,29	92,85	97,95	97,76	84,54	83,53	81,67
FUMO	239,68	374,15	327,66	107,04	109,29	99,36	104,10	106,82	104,32	105,75	105,21	103,98